



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS BALSAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA CAROLINA DE SOUSA SILVA

**EDUCAR PARA A SUSTENTABILIDADE NA ESCOLA: REPENSANDO
PRÁTICAS DE ENSINO PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ NOS ANOS INICIAIS**

BALSAS - MA
2025

ANA CAROLINA DE SOUSA SILVA

**EDUCAR PARA A SUSTENTABILIDADE NA ESCOLA: REPENSANDO
PRÁTICAS DE ENSINO PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ NOS ANOS INICIAIS**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Balsas, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Bruno Araújo Queiroz

BALSAS-MA

2025

S586e

Silva, Ana Carolina de Sousa

Educar para a sustentabilidade na escola: repensando práticas de ensino para a formação cidadã nos anos iniciais. Ana Carolina de Sousa Silva /. – Balsas, 2025.

44 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) Universidade Estadual do Maranhão – UEMA / Balsas, 2025.

Orientador: Prof. Mestre Marcelo Bruno Araújo Queiroz

1. Educação para a Sustentabilidade. 2. Bioma Cerrado. 3. Anos Iniciais. I. Título.

CDU: 504:37


ANA CAROLINA DE SOUSA SILVA

**EDUCAR PARA A SUSTENTABILIDADE NA ESCOLA: REPENSANDO
PRÁTICAS DE ENSINO PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ NOS ANOS INICIAIS**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Balsas, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.


Aprovado em: 23 /06 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO BRUNO ARAUJO QUEIROZ**
Data: 07/07/2025 15:53:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dr. Marcelo Bruno Araujo Queiroz (Orientador)

Instituto Federal do Piauí - IFPI

Documento assinado digitalmente
 **RENNAN ALBERTO DOS SANTOS BARROSO**
Data: 08/07/2025 00:13:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Rennan Alberto dos Santos Barroso

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Documento assinado digitalmente
 **NATANAEL CHARLES DA SILVA**
Data: 08/07/2025 10:45:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Natanael Charles da Silva

Instituto Federal do Pará (IFPA)

AGRADECIMENTOS

Externalizo, primeiramente, a Deus a gratidão que mareja meus olhos todas as vezes que me lembro de que estou me formando. A Ele, que foi meu sustento nos dias difíceis, minha força nas madrugadas silenciosas, e minha esperança quando tudo parecia incerto. Foi Ele quem me lembrou, com infinita paciência e amor, que eu podia sonhar e que eu era capaz, que a conquista viria no tempo certo, sem Ele, eu não teria chegado até aqui.

Aos meus pais, Francisco (in memoriam) e Rilza, dedico essa conquista com todo o meu amor e minha eterna gratidão. Ao meu Pai que mesmo não estando mais presente fisicamente, seu legado e valores permanecem vivos em mim, guiando cada passo desta caminhada. Sinto sua presença em todos os momentos em que precisei de apoio e inspiração. A minha mãe que com seu amor incondicional, sua paciência e seu apoio foram à base que me sustentou nos momentos mais difíceis.

Ao meu marido, meu melhor amigo e maior incentivador, Guilherme, deixo meu agradecimento mais sincero e cheio de amor. Nunca deixou de acreditar em mim, de investir nos meus sonhos e de me lembrar, dia após dia, de quem eu sou e de tudo o que sou capaz de realizar, essa conquista também é tua, porque teu amor foi alicerce em cada passo meu.

À minha amiga Ducarmo, que caminhou comigo com tanta parceria, generosidade e leveza, deixo meu agradecimento especial, obrigada por dividir comigo os desafios, as dúvidas, as risadas e os silêncios, a sua presença tornou essa jornada mais leve e possível. Saiba que, mesmo quando a vida seguir outros rumos, minhas orações irão te abraçar todas as vezes que eu não puder estar por perto.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Dr. Marcelo Bruno, por sua dedicação e por acreditar no meu potencial ao longo de toda essa caminhada, a sua orientação cuidadosa, sempre marcada pela paciência e pela sensibilidade, foi essencial para que eu pudesse crescer e enfrentar os desafios com coragem, deixando um legado de aprendizado que levarei para sempre.

Gratidão a todos que, de alguma forma, abraçaram esse sonho ao meu lado, oferecendo apoio, incentivo e força, que este trabalho represente a soma de esforços e a certeza de que, juntos, podemos transformar sonhos em realidade.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel da escola na promoção da Educação para a Sustentabilidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental, destacando a importância da formação cidadã desde a infância. A pesquisa se desenvolveu a partir da realidade do Bioma Cerrado, especialmente na região do sul do Maranhão, inserida no MATOPIBA, território fortemente impactado pelo avanço do agronegócio. Com base em uma abordagem qualitativa, bibliográfica e interventiva, foi realizada uma atividade educativa com alunos do 5º ano de uma escola pública municipal de Balsas (MA). A proposta buscou investigar as representações sociais das crianças sobre o meio ambiente, a sustentabilidade e os impactos ambientais no Cerrado. A culminância da intervenção foi a construção da “Árvore dos Sonhos”, momento simbólico em que os alunos expressaram seus desejos para um futuro mais justo, equilibrado e sustentável. Os resultados evidenciam que, mesmo em contextos de vulnerabilidade, as crianças demonstram sensibilidade, senso crítico e desejo de transformação quando envolvidas em práticas pedagógicas significativas. O estudo conclui que a escola, ao assumir uma postura crítica e comprometida com a realidade local, pode contribuir para a formação de sujeitos conscientes, capazes de pensar soluções para os desafios socioambientais. Educar para a sustentabilidade, portanto, é também educar para a cidadania, para o cuidado com a vida e para a construção de um futuro coletivo mais justo.

Palavras-chave: Educação para a Sustentabilidade; Bioma Cerrado; Anos iniciais.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the role of schools in promoting Education for Sustainability in the early years of Elementary School, highlighting the importance of citizenship education from childhood. The research was developed based on the reality of the Cerrado Biome, especially in the southern region of Maranhão, located in MATOPIBA, a territory heavily impacted by the expansion of agribusiness. Based on a qualitative, bibliographical and interventional approach, an educational activity was carried out with 5th grade students from a public school in Balsas (MA). The proposal sought to investigate children's social representations of the environment, sustainability and environmental impacts in the Cerrado. The culmination of the intervention was the construction of the "Tree of Dreams", a symbolic moment in which students expressed their desires for a more just, balanced and sustainable future. The results show that, even in contexts of vulnerability, children demonstrate sensitivity, critical sense and a desire for transformation when involved in meaningful pedagogical practices. The study concludes that schools, by adopting a critical stance and being committed to local reality, can contribute to the development of conscious individuals, capable of thinking of solutions to socio-environmental challenges. Educating for sustainability, therefore, also means educating for citizenship, for caring for life and for building a more just collective future.

Keywords: Education for Sustainability; Cerrado Biome; Early Years.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	OBJETIVOS.....	11
2.1	Objetivo Geral.....	11
2.2	Objetivos específicos.....	11
3	EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE NA ESCOLA.....	12
3.1	Educação para a Sustentabilidade: o que é afinal?	12
3.2	A importância de trabalhar temáticas de educação para a sustentabilidade nos anos iniciais: a situação do bioma	18
3.3	O futuro está em nossas mãos: a importância da formação cidadã nos primeiros anos de escolarização.....	23
4	METODOLOGIA.....	27
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

É comum ouvirmos que a Terra é nossa casa e que só temos um lar para habitar, sendo nossa responsabilidade mantê-lo saudável para as gerações futuras. Contudo, as ações humanas têm ocasionado uma degradação ambiental intensa, muitas vezes superando a capacidade de resiliência do nosso planeta. É nesse contexto que a Educação para a Sustentabilidade (EDS), especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, surge como uma abordagem pedagógica importante. Ela nos permite dialogar e criticar a complexa crise socioambiental que enfrentamos hoje, com foco particular na degradação do Bioma Cerrado, uma temática que precisa ganhar mais espaço no ambiente escolar.

A Educação para a Sustentabilidade se configura como uma perspectiva pedagógica fundamental para a análise e a reflexão crítica sobre nossas ações, possibilitando uma abordagem ativa das situações que colocam o planeta em risco. Falar sobre a conservação do Bioma Cerrado não apenas ressalta a relevância inquestionável de preservar esse ecossistema único, mas também nos estimula a uma profunda reflexão sobre nossas práticas e políticas ambientais. Diante disso, surge um questionamento importante: como as discussões sobre a situação do Bioma Cerrado podem gerar uma consciência mais crítica que possibilite práticas sustentáveis? Acreditamos que a integração da Educação para a Sustentabilidade no currículo escolar, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, pode promover uma formação cidadã crítica e consciente, capaz de enfrentar os desafios da insustentabilidade socioambiental de forma significativa.

Este projeto é um fruto direto do programa de pesquisa Primeiros Passos na Ciência da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), no qual participei como bolsista. Inserido nesse contexto, foi desenvolvido uma pesquisa que busca integrar a sustentabilidade no ensino fundamental, com o objetivo de desenvolver uma consciência crítica sobre a crise socioambiental, com atenção especial ao Bioma Cerrado, com uma abordagem interdisciplinar, focando na formação cidadã desde os anos iniciais.

A abrangência deste projeto se estende ao Bioma Cerrado, com um foco específico na região do sul do Maranhão e no contexto do MATOPIBA (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia). Esta área possui uma importância essencial não apenas pela sua impressionante biodiversidade, mas também por sua relevância ambiental estratégica, abrigando as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da

América do Sul. O Cerrado, que cobre cerca de 24% do território nacional, e é essencial para a manutenção de diversos ecossistemas, sustentando uma vasta variedade de comunidades que dependem diretamente de seus recursos naturais para sua sobrevivência e modos de vida tradicionais.

Este projeto possui várias contribuições importantes. A primeira delas é trazer o tema da educação ambiental para os primeiros anos do Ensino Fundamental, ajudando as crianças a entenderem, desde cedo, que cuidar do meio ambiente é também uma forma de cuidar da vida. Ao trabalhar temas como a natureza, o uso da água, o desmatamento e a preservação do Cerrado, os alunos aprendem a refletir sobre os problemas que acontecem ao seu redor e também a pensar em soluções.

Outro ponto importante é que a presente pesquisa valoriza o lugar onde os alunos vivem. Ao falar sobre o Cerrado e a região do MATOPIBA, que inclui o sul do Maranhão, a proposta ajuda as crianças a conhecerem melhor o seu território, sua biodiversidade e a importância de cuidar dele e isso fortalece o sentimento de pertencimento e mostra que elas também têm um papel na proteção do meio ambiente.

Esta pesquisa também colabora com a formação cidadã, quando as crianças são incentivadas a pensar, questionar e participar das decisões que envolvem seu bairro, sua escola, seu Bioma e o meio ambiente, elas se tornam mais conscientes e preparadas para agir de forma responsável no presente e no futuro.

Considera-se que investir na educação ambiental das crianças é plantar as sementes para um futuro onde a coexistência harmônica entre a humanidade e o meio ambiente seja a norma, e não a exceção.

Por fim, o projeto segue o que propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta as escolas a trabalharem a educação ambiental de forma contínua e integrada ao currículo. Com isso, a proposta contribui para uma educação mais atual, crítica e significativa, que respeita o contexto dos alunos e os prepara para enfrentar os desafios do mundo em que vivem.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar as representações sociais por meio de textos e desenhos sobre o Bioma Cerrado em turmas de 5º ano do Ensino Fundamental.

2.2 Objetivos específicos

Evidenciar concepções sobre meio ambiente e sustentabilidade a partir das representações sociais coletadas.

Caracterizar como as discussões sobre Educação para a Sustentabilidade contribuem para a formação dos alunos no contexto escolar.

Refletir sobre a importância da escola na formação crítica dos alunos.

3 EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE NA ESCOLA

A escola tem um papel fundamental na construção de cidadãos conscientes e comprometidos com a transformação da sociedade. Mais do que ensinar conteúdos tradicionais, o ambiente escolar deve favorecer o desenvolvimento de valores, atitudes e comportamentos que contribuam para o cuidado com a vida e com o planeta. Diante dos diversos problemas ambientais e sociais que enfrentamos atualmente, torna-se indispensável que a educação ajude as crianças a compreenderem a importância de suas escolhas e ações no cotidiano. Trabalhar a sustentabilidade na escola não pode ser algo ocasional ou apenas decorativo. É necessário que essa temática faça parte da rotina pedagógica e esteja integrada às diferentes áreas do conhecimento, de forma contínua e significativa. Isso exige da escola um olhar atento sobre suas práticas e o envolvimento ativo de todos em propostas que dialoguem com a realidade local.

No entanto, ainda é comum encontrar instituições que tratam esse assunto de maneira limitada, restrita a datas comemorativas ou atividades isoladas. Embora essas ações possam gerar algum interesse momentâneo, elas não garantem, por si só, uma mudança real de pensamento e atitude. Por isso, é importante compreender que a educação para a sustentabilidade precisa ser um princípio que oriente as práticas educativas e não apenas um conteúdo extra. Quando a escola assume esse compromisso com seriedade, ela se torna um espaço de aprendizado transformador, que prepara crianças para serem agentes de mudança em sua comunidade. Antes de entender como isso pode acontecer no cotidiano escolar, é essencial refletir sobre o verdadeiro significado da educação para a sustentabilidade.

3.1 Educação para a Sustentabilidade: o que é afinal?

O mundo atual enfrenta problemas sérios e urgentes como as mudanças climáticas aceleradas, a escassez de recursos naturais, a perda da biodiversidade, aumento da desigualdade social e crises humanitárias. Esses desafios são consequência de um modelo de desenvolvimento que priorizou, por décadas, o crescimento econômico a qualquer custo, desconsiderando os impactos ambientais e sociais dessa escolha. Como afirma Morin (2001, p. 13), “o nosso tempo é confrontado com problemas vitais, globais, planetários e cruciais para o futuro da humanidade”. E ignorar esses sinais é seguir por um caminho perigoso, que compromete a vida no planeta e o bem-estar das futuras gerações.

A crise ambiental global baseada no consumo excessivo e na exploração sem medidas dos recursos naturais ignora os limites planetários e coloca em risco o meio ambiente, mas também a própria continuidade da vida na terra. O crescimento econômico, frequentemente confundido com progresso, tem sido construído sobre uma lógica de produção e consumo que prioriza o lucro acima de tudo. No entanto, como alerta Dias:

“Ao se aumentar o consumo, aumenta-se a pressão sobre os recursos naturais, ou seja, necessita-se mais água, mais matérias primas, mais eletricidade, mais combustíveis, mais solos férteis etc. Com isso, cresce a degradação ambiental em todas as suas formas. Perde-se então a qualidade de vida.” (Dias, 2004, p. 11).

Com base nessa crítica, torna-se evidente que a educação tem um papel essencial na desconstrução dessa lógica consumista que associa o bem-estar à acumulação de bens materiais. A escola, especialmente nos anos iniciais, tem um papel muito importante que deve ser a promoção de uma reflexão contínua sobre os impactos desse modelo econômico, incentivando práticas que valorizem o uso consciente dos recursos naturais, o respeito à natureza e a busca por formas de viverem mais simples, cooperativas e sustentáveis.

A ideia de progresso, que durante muito tempo foi associada à ideia de crescimento econômico, precisa ser repensada, pois crescer economicamente é importante, mas crescer à custa da destruição ambiental e da desigualdade social não pode mais ser aceitável. Há um desequilíbrio evidente entre o que produzimos o que consumimos e o que deixamos como legado, e ao invés de reforçar ideias de consumo como sinônimo de felicidade, a Educação para a Sustentabilidade pode contribuir para formar sujeitos capazes de questionar o sistema atual e propor alternativas que preservem a vida, o meio ambiente e a dignidade humana.

Não estamos diante apenas de uma crise ambiental, estamos enfrentando uma crise de valores, de modelo de sociedade, de cuidado com o outro e com o planeta que habitamos, e essa crise não surgiu do nada, e nem é um problema recente, ela é fruto de um longo processo histórico, marcado por séculos de exploração intensa dos recursos naturais, e durante muito tempo, a lógica que infelizmente guiou o desenvolvimento das sociedades foi baseada na ideia de que a natureza estava a serviço do ser humano, devendo ser dominada e usada sem limites.

Apolinário (2019) afirma que, no momento atual, é urgente repensar nossos modos de vida, e essa transformação deve começar com a educação e com a forma como a sociedade é organizada, tendo como base a sustentabilidade.

Diante disso, é urgente repensar nossas escolhas, nossos hábitos e nossa forma de organizar a sociedade, buscando caminhos mais justos, igualitários, responsáveis e sustentáveis para garantir um futuro possível para todos.

É preciso, portanto, repensar os valores e as práticas que sustentam nossa sociedade. Isso exige, entre outras coisas, transformar profundamente a maneira como educamos, porque a educação ela tem papel central na construção de uma nova forma de estar no mundo mais responsável, consciente e sustentável, nesse contexto, ganha relevância a educação para a sustentabilidade, que propõe justamente uma mudança de visão. Mas, afinal, o que é educação para a sustentabilidade?

O conceito de sustentabilidade tem origem no Relatório Brundtland, publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, onde se afirma que o desenvolvimento sustentável é “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades” (CMMAD, 1987, p. 46). Essa definição consagrada de desenvolvimento sustentável propõe uma visão ética e responsável sobre o uso dos recursos naturais, apontando para a necessidade de equilíbrio entre o atendimento das demandas atuais e a preservação das condições de vida para as futuras gerações.

Muitas vezes, a Educação para a Sustentabilidade (EpS) é confundida com a chamada Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS). Embora compartilhem alguns princípios, há uma crítica consistente ao uso da ideia de “desenvolvimento” em contextos educacionais e políticos. Gadotti (2008) afirma que o termo pode se tornar uma armadilha discursiva, servindo aos interesses de um sistema capitalista que se apropria do discurso ambiental para manter a lógica de crescimento econômico a qualquer custo.

Nesse sentido, o que muitas vezes chamamos de “desenvolvimento sustentável” pode acabar sendo só aparência, uma espécie de máscara que esconde práticas que, na verdade, continuam prejudicando o meio ambiente e as pessoas. Isso acontece porque algumas ações são feitas apenas para parecer que estão ajudando, mas, na prática, mantêm ou até aumentam as desigualdades

sociais e exploram os recursos naturais de forma irresponsável. Ou seja, o verdadeiro equilíbrio entre o crescimento econômico, a justiça social acaba ficando comprometido, pois o foco principal continua sendo o lucro e não o cuidado com a vida e com o planeta.

A Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) é definida como:

“A EDS é uma educação holística e transformadora que aborda conteúdos e resultados de aprendizagem, pedagogia e ambiente de aprendizagem. Assim, a EDS não se limita a integrar, no currículo, conteúdos como mudança climática, pobreza e consumo sustentável; ela também cria contextos de ensino e aprendizagem interativos e centrados no educando. A EDS exige uma mudança de foco do ensino para a aprendizagem. Ela requer uma pedagogia transformadora orientada para a ação, que apoie a autoaprendizagem, a participação e a colaboração; uma orientação para a solução de problemas; inter e transdisciplinaridade; e a conexão entre aprendizagem formal e informal. Apenas essas abordagens pedagógicas tornam possível o desenvolvimento das principais competências necessárias para promover o desenvolvimento sustentável.” (UNESCO, p.7. 2017).

Diante dessa concepção, torna-se evidente que a Educação para o Desenvolvimento Sustentável ultrapassa a simples inserção de conteúdos temáticos nas práticas escolares. Ela propõe uma ruptura com modelos tradicionais de ensino, marcados pela transmissão unidirecional do conhecimento, e convida educadores e educandos a se engajarem em processos formativos mais dinâmicos, críticos e comprometidos com a realidade social e ambiental em que vivem. Isso implica repensar o papel da escola como espaço de transformação, onde o conhecimento é construído coletivamente, com base no diálogo, na ação e na contextualização. Ao fomentar competências como pensamento crítico, empatia, cooperação e responsabilidade, a EDS contribui não apenas para a formação de sujeitos conscientes, mas também para o fortalecimento da cidadania ativa e da justiça socioambiental.

Já Segundo Melo:

“a educação para a sustentabilidade pressupõe que os indivíduos sejam capazes de compreender e refletir sobre os impactos das suas decisões e ações no ambiente. Parte-se da premissa de que é necessário que os alunos ampliem sua visão de mundo, repensem seus próprios valores e sejam capazes de questionar práticas que fomentam a insustentabilidade e que podem não ser passíveis de simples soluções.” (2012, p. 14).

Diante dessa perspectiva, percebe-se que a educação para a sustentabilidade não se limita à transmissão de conteúdos sobre meio ambiente, mas envolve a formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de analisar as consequências de suas escolhas cotidianas. Isso implica em promover práticas pedagógicas que estimulem o pensamento reflexivo, o diálogo e o protagonismo dos alunos, para que

eles compreendam que a sustentabilidade não é apenas uma responsabilidade individual, mas também coletiva e social.

A educação para a sustentabilidade se diferencia da educação para o desenvolvimento sustentável, pois vai além da ideia de simplesmente conciliar crescimento econômico com preservação ambiental. Enquanto a educação para o desenvolvimento sustentável muitas vezes parte da lógica de um progresso que ainda causa impactos negativos ao meio ambiente, mesmo que de forma “controlada”, a educação para a sustentabilidade propõe uma mudança mais profunda que é formar cidadãos conscientes que saibam utilizar os recursos naturais com responsabilidade, sem comprometer as necessidades das gerações presentes nem das futuras. Nesse sentido, ela questiona modelos de consumo e produção que continuam degradando a natureza em nome do “desenvolvimento”, e defende práticas educativas que incentivem o respeito à vida em todas as suas formas e a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Nos últimos anos, a palavra “sustentabilidade” se tornou comum em discursos públicos, propagandas e projetos educacionais. Porém, muitas vezes ela é usada de forma superficial, sem compromisso com mudanças reais. Capra (2006) adverte que “a maioria das pessoas ainda vê a sustentabilidade como um problema técnico ou gerencial”, quando, na verdade, trata-se de uma questão cultural e ética.

Montengro (2018) afirma que:

“A Sustentabilidade se encontra idealizada, mas pouco discutida sobre como ser posta em prática nos espaços escolares brasileiros e por mais contraditório que pareça ser, mesmo estando presente em tantos outros documentos de referência nacional e global, a temática Sustentabilidade parece não receber o apoio necessário, no Brasil, para que se consiga promover as mudanças esperadas na sociedade. O que vem sendo de fato posto em prática, pelos sistemas educacionais brasileiros, são propostas embocadas, prontas para serem colocadas em prática, sem respeitar as regionalizações, e os diferentes contextos sociais apresentados pelas escolas: a temática da sustentabilidade parece não ter espaço para ser trabalhada, diante da demanda de tantos conteúdos curriculares que devem ser cumpridos.” (Montenegro, p.98.2018).

Essa abordagem padronizada dificulta a construção de uma educação verdadeiramente significativa, que envolva os estudantes de forma crítica e engajada, e se não houver espaço para adaptação e diálogo, o tema acaba se tornando superficial, perdendo seu potencial transformador e afastando-se do propósito de formar cidadãos capazes de atuar de maneira consciente em defesa do meio ambiente e da justiça social.

A Educação para a Sustentabilidade (EpS) surge como um campo teórico-prático que ultrapassa os limites de uma proposta didática pontual, pois trata-se de uma abordagem com múltiplos significados e vertentes, frequentemente associada à Educação Ambiental, ao conceito de desenvolvimento sustentável e à ecopedagogia. No entanto, é necessário destacar que essa educação para a sustentabilidade não se limita à conservação do meio ambiente ou à utilização racional de recursos naturais, ela propõe uma reflexão crítica sobre os modos de vida, as relações sociais e os sistemas econômicos vigentes.

Assim, ao falar em sustentabilidade sem repensar os modos de produção, consumo, desigualdade e exclusão social é esvaziar o conceito. É preciso ir além das aparências e buscar uma transformação profunda nas formas de pensar, agir e educar. De acordo Brandão:

“Sustentabilidade opõe-se a tudo o que sugere desequilíbrio, competição, conflito, ganância, individualismo, domínio, destruição, expropriação e conquistas materiais indevidas e desequilibradas, em termos de mudança e transformação da sociedade ou do ambiente. Assim, em seu sentido mais generoso e amplo, a sustentabilidade significa uma nova maneira igualitária, livre, justa, inclusiva e solidária de as pessoas se unirem para construir os seus mundos de vida social, ao mesmo tempo em que lidam, manejam ou transformam sustentavelmente os ambientes naturais onde vivem e de que dependem para viver e conviver.” (2008, p.136).

Dessa forma, a educação para a sustentabilidade tem como finalidades principais o desenvolvimento de uma consciência crítica, uma ética ecológica e um sentido de responsabilidade social e planetária. Isso implica formar sujeitos capazes de questionar os modelos de produção e consumo vigentes, de agir coletivamente e de propor alternativas sustentáveis em suas comunidades. Segundo Capra (2004), a sustentabilidade verdadeira “é um modo de pensar em termos de redes, de interconexões, de ciclos e de equilíbrio dinâmico e não em termos de controle e linearidade”. Assim, educar para a sustentabilidade exige romper com práticas pedagógicas tradicionais e desenvolver metodologias participativas, interdisciplinares e contextualizadas.

Segundo Loureiro (2006), a educação para a sustentabilidade deve assumir um papel emancipador, centrado na autonomia dos sujeitos e na construção coletiva de soluções locais e globais. Como ele afirma, “educar ambientalmente é também educar politicamente, é trabalhar com valores, atitudes e práticas que desafiem o modo de produção e consumo dominante”. Isso significa que não basta “ensinar a reciclar” ou “plantar árvores”; é necessário questionar por que o lixo é produzido em

larga escala, quem lucra com a exploração ambiental e quais alternativas podem ser construídas a partir do território e da cultura local.

A Agenda 2030 da ONU, por meio dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), destaca que a educação de qualidade (ODS 4) é essencial para alcançar os demais objetivos, pois prepara cidadãos para enfrentar os desafios atuais e futuros de maneira crítica e solidária.

A escola sendo o principal local e não o único onde se aprende, deve ser pensada como um espaço de articulação entre o conhecimento científico, os saberes populares e as práticas cidadãs. Como argumenta Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. A educação para a sustentabilidade, nesse sentido, deve ser dialógica, problematizadora e situada, ou seja, ligada à realidade concreta dos sujeitos que a constroem.

Mais do que preparar para o futuro, a educação deve contribuir para ressignificar o presente. Ela precisa provocar o pensamento, despertar o cuidado, fortalecer o senso de responsabilidade e promover o engajamento. Nesse sentido, a educação para a sustentabilidade é, ao mesmo tempo, uma crítica ao modelo atual e uma proposta para construir alternativas viáveis, humanas e duradouras, ela parte do princípio de que é possível viver de outra forma com mais equilíbrio, justiça e respeito à vida.

Portanto, educar para a sustentabilidade é educar para a vida, para o cuidado com o planeta, com as pessoas e com as futuras gerações, ou seja, uma educação que reconhece a interdependência entre todos os seres e que busca, acima de tudo, a construção de um mundo mais justo, equilibrado e digno para todo, e mais do que ensinar sobre sustentabilidade, é necessário educar com, por meio e para ela. Isso significa promover um ensino sensível, crítico e comprometido com a vida em todas as suas formas. Porque, no fim das contas, educar para a sustentabilidade é educar para a convivência, para o cuidado, para a escuta e para a esperança, e é nesse caminho que a educação pode, de fato, transformar o mundo.

3.2 A importância de trabalhar temáticas de educação para a sustentabilidade nos anos iniciais: a situação do bioma

O Bioma Cerrado, conhecido como a savana brasileira, representa uma das maiores e mais ricas formações vegetais da América do Sul, ocupando uma posição

estratégica no cenário ambiental mundial, possui uma área que abrange cerca de 24% do território brasileiro (IBGE, 2024), esse bioma não apenas impressiona pela sua vasta extensão, mas sobretudo por sua importância ecológica, social e hídrica, porém muitas vezes invisibilizado no debate ambiental nacional.

A riqueza do Cerrado ultrapassa os limites da flora exuberante. Estima-se que aproximadamente 30% das espécies de plantas encontradas nesse bioma sejam endêmicas, ou seja, não existem em nenhuma outra parte do mundo (Klink e Machado, 2005). Isso significa que a perda de uma única espécie representa a extinção definitiva de uma forma de vida única, sem chance de regeneração em outro ecossistema. As plantas do Cerrado desenvolveram adaptações notáveis para resistir às adversidades climáticas típicas da região, como raízes profundas que buscam água em camadas subterrâneas e folhas espessas que minimizam a perda de umidade.

O Cerrado é responsável por alimentar oito das doze principais bacias hidrográficas do país, o que lhe confere o título de “caixa d’água do Brasil”. Ao refletirmos sobre sua grandiosidade e fragilidade, somos convidados a considerar o papel que ele desempenha na garantia da vida, tanto humana quanto não humana, nas diferentes regiões do território nacional.

Porém o avanço do agronegócio, com sua lógica produtivista, tem sido uma das principais ameaças ao Cerrado. Grandes áreas já foram desmatadas para a produção de soja, milho e para a formação de pastagens destinadas à criação de gado. Esse modelo de exploração intensiva é criticado por Boff (2012), que afirma: “reflete uma visão de curto prazo, voltada exclusivamente para o lucro imediato e indiferente às consequências para o ambiente e as futuras gerações”. Essa crítica revela o quanto à expansão agrícola no Cerrado tem sido feita sem planejamento ambiental ou consideração ética. Muitas vezes, as decisões que favorecem esse modelo não são tomadas à luz do bem comum, mas sim de interesses econômicos específicos, concentrados nas mãos de poucos. Queiroz (2023) reforça que a expansão do agronegócio no Matopiba vem sendo legitimada por políticas públicas que priorizam o lucro e a produção de commodities, negligenciando os impactos sociais e ambientais.

Segundo o Instituto de Pesquisa Ambiental na Amazônia (IPAM), o desmatamento no Cerrado em 2024 chegou a 712 mil hectares, o que representa uma diminuição de 33% em comparação com o ano de 2023. Essa redução pode estar relacionada às ações de combate e controle aplicadas nos últimos tempos. No entanto, mesmo com essa queda, os números ainda são considerados altos quando

comparados com os dados de anos anteriores e com o desmatamento registrado em outros biomas do país.

Grande parte dessa destruição aconteceu na região Matopiba, formada pelos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Somente essa área foi responsável por 82% do desmatamento no Cerrado em 2024, o que representa cerca de 586 mil hectares. O estado do Maranhão se destacou negativamente, com uma perda de 225 mil hectares, mesmo tendo reduzido em 26% o desmatamento em relação ao ano anterior, sendo a cidade de Balsas a que mais desmatou com 17,6 mil hectares. Além disso, os dez municípios com maiores índices de desmatamento nesse ano estão todos localizados na região do Matopiba, (IPAM, 2024).

A expansão do agronegócio no Cerrado, pautada por políticas de incentivo à exportação de commodities, tem trazido efeitos devastadores para o equilíbrio ecológico. Apesar de o Cerrado ser uma das regiões com maior biodiversidade do mundo, sua importância ainda é subestimada em relação à Amazônia ou à Mata Atlântica. O desmatamento, o uso abusivo de agrotóxicos e as queimadas são impactos diretos dessa expansão, gerando consequências não apenas para o ambiente, mas também para a saúde das populações locais, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade social.

Boff (2012) argumenta que esse modelo de desenvolvimento “é uma ameaça não apenas ao meio ambiente, mas também aos valores éticos e sociais que deveriam orientar nossa relação com a natureza”. De fato, ao priorizar o crescimento econômico acima de tudo, deixamos de lado a sabedoria ancestral e os modos de vida sustentáveis que há séculos convivem em harmonia com o Cerrado, essa perda não é só ecológica, é também cultural.

O uso intensivo de agrotóxicos representa um capítulo à parte nessa crise. Embora amplamente utilizados para aumentar a produtividade, esses produtos trazem graves consequências para a saúde humana e para o meio ambiente. Como lembra Gadotti (2008), “a educação ambiental deve incluir uma reflexão crítica sobre o uso de substâncias tóxicas e seu impacto em longo prazo”. Essa reflexão se torna ainda mais necessária quando observamos que os efeitos dos agrotóxicos atingem diretamente as comunidades mais pobres, que vivem próximas às plantações e consomem água e alimentos contaminados.

Montenegro (2018) é assertiva ao afirmar que o uso desenfreado de agrotóxicos revela a ausência de regulação efetiva e a priorização da produtividade

em detrimento da vida. Os impactos vão além do campo e chegam às cidades, às escolas, aos sistemas de saúde, o modelo agroexportador cobra um preço alto da sociedade brasileira, que arca com os danos ambientais e os custos sociais da destruição do Cerrado.

As queimadas, por sua vez, embora façam parte do ciclo natural do bioma, têm sido utilizadas de forma abusiva e criminosa para abrir espaço para o agronegócio. Boff (2012) denuncia que “o uso do fogo como ferramenta de expansão agrícola é um crime ambiental que destrói a flora, ameaça à fauna e emite grandes quantidades de dióxido de carbono, agravando a crise climática”. Não se trata apenas de uma prática pontual, trata-se de um modelo sistemático de destruição, cuja impunidade é um dos maiores incentivos à sua continuidade. Montenegro (2018) reforça que as punições são insuficientes e que a fiscalização ambiental é falha, permitindo que as queimadas continuem sendo usadas como método de desmatamento barato.

Montenegro (2018) observa que “o Cerrado é visto como uma fonte inesgotável de recursos e não como um ecossistema que necessita de preservação e manejo adequado”. A lógica da produção em larga escala, orientada pelo lucro, ignora os limites ecológicos e promove uma degradação silenciosa e contínua. Em muitos casos, essa degradação ocorre com a conivência ou até o incentivo do próprio Estado, que oferece incentivos fiscais, crédito subsidiado e pouca fiscalização aos grandes empreendimentos do agronegócio.

É nesse contexto que o bioma se vê diante de um dilema grave: enquanto sua preservação é essencial para a sustentabilidade ambiental, sua existência é diariamente ameaçada por modelos econômicos predatórios. Como destaca Boff (2012), “a preservação do Cerrado não é apenas uma questão ambiental, mas também uma questão de justiça social e ética com as futuras gerações”. Ou seja, proteger o Cerrado não é apenas proteger as árvores e os animais, mas também garantir que as crianças de hoje e de amanhã tenham direito a um planeta vivo e saudável.

Nesse sentido, a Educação Ambiental surge como um campo fundamental para despertar a consciência da população quanto à importância da preservação do Cerrado. Como afirma Gadotti (2008), “a educação ambiental é essencial para a formação de valores sustentáveis e para a proteção de ecossistemas frágeis”. É através da formação de uma consciência crítica e planetária que podemos mudar o olhar sobre esse bioma, deixando de vê-lo como mero espaço para exploração

econômica e reconhecendo-o como território de vida, de saberes tradicionais, de biodiversidade e de equilíbrio climático.

Boff (2012) evidencia que, apesar de sua força para “suportar condições extremas de seca e fogo”, o cerrado também está profundamente ameaçado pela ação humana predatória, o que exige um olhar atento, ético e comprometido. Incorporar o Cerrado nas práticas educativas, portanto, é mais do que falar sobre árvores e animais, é trabalhar a criticidade, o pertencimento e a responsabilidade ética diante da vida em todas as suas formas, e também convidar os estudantes, desde os primeiros anos, a desenvolver uma consciência ambiental enraizada em sua própria realidade, compreendendo que cuidar do Cerrado é também cuidar de si, do outro e do futuro comum.

Gadotti (2008) reforça que a Educação para a Sustentabilidade é uma ferramenta estratégica para alterar esse cenário, pois permite que a sociedade reconheça os impactos das escolhas econômicas e políticas sobre os ecossistemas. Ele destaca a necessidade de uma “consciência planetária” voltada para a valorização do equilíbrio ecológico e do respeito ao meio ambiente, mas, na prática, o que vemos é um bioma ainda sob ameaça constante, onde continua sendo desmatado em ritmo acelerado, e as políticas públicas voltadas à sua proteção são frequentemente frágeis, desarticuladas ou inexistentes.

Neste cenário, torna-se urgente repensar o nosso modo de vida e os caminhos que temos seguido enquanto sociedade. Por décadas, acreditamos que progresso significava crescimento econômico a qualquer custo, mas hoje, diante das múltiplas crises que enfrentamos: ambiental, climática, social e ética, e é preciso reconhecer que esse modelo está esgotado. Precisamos buscar novos paradigmas, como sociedade, precisamos redefinir o que entendemos por desenvolvimento.

É justamente neste contexto que a educação para a sustentabilidade ganha espaço, ao propor uma educação que critique e questione e que dialogue principalmente com a realidade na qual os alunos estão inseridos.

A sustentabilidade não pode ser reduzida a ações individuais como reciclar ou economizar água, embora essas também tenham seu valor, trata-se de uma mudança estrutural, que passa por novas formas de produzir, consumir, educar e viver. Precisamos mudar comportamentos, mas, acima de tudo, precisamos transformar valores, ideias e visões de mundo, e o Bioma Cerrado, com toda sua riqueza,

fragilidade e potencial educativo pode e deve ocupar um lugar central nesse processo de mudança.

3.3 O futuro está em nossas mãos: a importância da formação cidadã nos primeiros anos de escolarização

A construção de uma sociedade mais justa, democrática e equitativa depende, em grande medida, da formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometida com o bem comum. Nesse cenário, a educação assume um papel estratégico, que vai muito além da simples assimilação de conteúdos escolares, ela deve ser entendida como um processo integral de formação humana, voltado para o desenvolvimento de valores éticos, atitudes solidárias e competências necessárias para a atuação cidadã em diferentes contextos da vida social.

A escola, enquanto espaço privilegiado de socialização constitui-se como um ambiente adequado para a vivência e o fortalecimento da cidadania desde os primeiros anos de escolarização, porque é nela que as crianças começam a compreender o funcionamento da sociedade, as normas de convivência, os direitos e deveres que possuem, além de aprenderem a se posicionar criticamente diante das desigualdades e injustiças que fazem parte do seu cotidiano.

Tradicionalmente, a cidadania tem sido entendida como o conjunto de direitos e deveres garantidos aos membros de uma sociedade. No entanto, essa concepção, embora importante, mostra-se insuficiente diante das complexas transformações sociais, políticas e ambientais que vivenciamos atualmente. Como destaca Tolfo (2013), o conceito de cidadania acompanha as mudanças históricas e sociais de cada época, incorporando novos valores e exigindo coerência entre os direitos assegurados formalmente e aqueles efetivamente exercidos no cotidiano. Ser cidadão, portanto, não se restringe à obediência a normas ou ao usufruto de serviços públicos, trata-se de desenvolver uma consciência ampliada sobre a justiça, a equidade e a dignidade humana.

Nessa mesma linha, Gadotti (1998) diferencia concepções de cidadania que vão desde modelos mais individualistas até uma cidadania plena e planetária, comprometida com a justiça social e ambiental. Para ele, a cidadania planetária “[...] é uma expressão adotada para expressar um conjunto de princípios, valores, atitudes e comportamentos que demonstram uma nova percepção da terra como uma única comunidade” (Gadotti, 1998, p. 3). Sob essa perspectiva educar significa um ato político (Freire, 2011; Gadotti, 2008). Não se trata apenas de ensinar a ler,

escrever ou calcular, mas de despertar nos educandos a capacidade de interpretar o mundo, questionar as realidades impostas e atuar na sua transformação. Assim, formar cidadãos implica favorecer experiências educativas que estimulem a participação ativa, o diálogo, e à cooperação e o compromisso com os valores democráticos e sustentáveis, sobretudo em contextos de desigualdade social e vulnerabilidade.

A formação cidadã no contexto escolar está diretamente relacionada ao compromisso da educação com a formação de sujeitos críticos, conscientes de seus direitos e deveres, capazes de atuar de maneira participativa na sociedade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica oferecem uma compreensão ampla de currículo, cultura e educação cidadã, enfatizando que a formação do cidadão deve ocorrer por meio da participação ativa da comunidade escolar, tanto nas interações sociais quanto no desenvolvimento de atividades colaborativas. A escola, enquanto espaço coletivo deve proporcionar um ambiente acolhedor e estimulante, onde as relações interpessoais e o bem-estar estejam no centro do processo formativo. O protagonismo estudantil, por sua vez, aparece como peça fundamental na consolidação de práticas democráticas, devendo ser incentivado desde os primeiros anos da vida escolar.

A formação cidadã nos primeiros anos de escolarização é, portanto, um caminho necessário para enfrentar os desafios contemporâneos e construir um futuro mais justo, humano e sustentável. O compromisso com esse processo deve ser coletivo, contínuo e consciente. Quando a escola assume a responsabilidade de educar para a cidadania desde a infância, ela não apenas ensina conteúdos, mas forma sujeitos capazes de transformar a realidade em que vivem.

Melo (2020, p. 13) ainda sustenta:

“Já não há mais dúvida de que investir na infância, garantindo a todas as crianças condições dignas de vida e equidade social, gera ganhos sociais e econômicos superiores aos produzidos por quaisquer outros investimentos, além de sedimentar as bases de uma sociedade democrática. No entanto, para as crianças, mais importante do que preparar o futuro é viver o presente. Elas precisam viver agora e na forma mais justa, plena e feliz.”
(Melo, 2020, p. 13)

A criança, desde muito cedo, já é um sujeito de direitos, com capacidade de pensar, sentir, questionar e agir, e mesmo antes de saber escrever, ela já observa, interpreta e dá sentido ao que acontece à sua volta. Isso significa que a educação nos primeiros anos precisa ir além da alfabetização formal, ela deve também contribuir para a construção de valores que sustentem uma convivência justa,

respeitosa e sustentável, ensinar conteúdos é essencial, mas não basta. É preciso ensinar a cuidar de si, do outro e do planeta.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) também reforça o papel da escola na formação do cidadão, especialmente no que se refere à educação fundamental. O Artigo 32 da LDB (Lei nº 9.394/96) determina que a educação básica deve promover o desenvolvimento da aprendizagem, a compreensão do meio natural e social, e a formação de atitudes pautadas na solidariedade, na tolerância e na vida coletiva (BRASIL, 1996). Esses objetivos mostram que o desenvolvimento da cidadania está previsto de forma explícita na legislação educacional brasileira, e deve ser compreendido como parte indissociável do processo formativo. Essa mesma perspectiva é reafirmada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), ao destacar que: “Cada criança ou jovem brasileiro, mesmo de locais com pouca infraestrutura e condições socioeconômicas desfavoráveis, deve ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania para deles poder usufruir” (BRASIL, 1997, p. 28).

Ainda que os documentos oficiais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais e a BNCC, façam referências recorrentes ao exercício da cidadania, observa-se que essas menções nem sempre são claras quanto ao sentido que pretendem atribuir ao termo. Em alguns trechos, a cidadania aparece vinculada à inserção no mercado de trabalho, reforçando uma visão funcionalista da educação e em outros momentos, destaca-se sua dimensão ética, crítica e cultural, mais próxima de uma educação transformadora.

A própria BNCC, embora não mencione diretamente os termos “educação cidadã” ou “formação cidadã”, afirma que as competências gerais devem preparar os estudantes para o pleno exercício da cidadania. Como afirma o documento: “tais competências perpassam todos os componentes curriculares do Ensino Fundamental e são essenciais para a ampliação das possibilidades de participação dos estudantes em práticas de diferentes campos de atividades humanas e de pleno exercício da cidadania” (BRASIL, 2017, p. 84). Esse duplo de sentido revela um espaço aberto à interpretação e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para que as escolas definam, em diálogo com suas comunidades, quais concepções de cidadania desejam priorizar.

Infelizmente, ainda vemos práticas pedagógicas que reduzem o papel da criança a uma simples receptora de ordens ou informações. Quando a escola não reconhece a criança como protagonista do processo educativo, ela perde a chance de formar sujeitos críticos e conscientes, é preciso acabar com modelos autoritários e engessados, que ignoram a potência criativa, sensível e questionadora da infância, a criança tem voz e precisa ser ouvida.

Formar cidadãos é um processo que exige tempo, escuta e paciência e, sobretudo, coerência. Não adianta somente falar sobre respeito se a criança não é respeitada; não adianta falar de sustentabilidade se a escola desperdiça papel e água; não adianta falar de empatia se a dor e a realidade dos estudantes são ignoradas, a cidadania se aprende vivendo-a, dia após dia, nos detalhes da rotina escolar. Esse processo também passa por criar situações em que as crianças possam tomar decisões, resolver problemas e exercer a autonomia. Outro ponto essencial é o vínculo entre formação cidadã e realidade local.

Nas regiões de maior vulnerabilidade social, esse trabalho se torna ainda mais urgente e desafiador. As crianças que vivem nesses contextos lidam, desde cedo, com violações de direitos, desigualdades gritantes e ambientes muitas vezes marcados pela exclusão. Nesses casos, a escola não pode fingir que esses problemas não existem. Ao contrário, deve acolher essas realidades, abrir espaço para o debate e ajudar os estudantes a compreenderem as causas e possíveis soluções coletivas. Isso fortalece a autoestima, o senso de pertencimento e o desejo de transformação.

Educar para a cidadania é também educar para a sustentabilidade. Esses dois conceitos caminham juntos porque não se podem formar bons cidadãos sem falar de cuidado com o meio ambiente, consumo consciente, justiça social e responsabilidade com as futuras gerações. Ao trabalhar esses temas de forma crítica, a escola contribui para a formação de sujeitos mais atentos às consequências de suas ações no mundo, mais empáticos e mais comprometidos com o bem comum.

Mas isso só será possível se os professores forem apoiados. A formação continuada é indispensável para que os educadores se sintam preparados para lidar com temas complexos de forma sensível e acessível às crianças. É preciso investir na formação docente para que eles desenvolvam práticas pedagógicas que integrem valores éticos, habilidades socioemocionais e conhecimentos ambientais. Cidadania

não é uma aula isolada é um eixo transversal que deve atravessar todo o projeto pedagógico.

Portanto, quando falamos que o futuro está em nossas mãos significa que o que ensinamos ou deixamos de ensinar hoje molda o tipo de sociedade que teremos amanhã. Se quisermos um futuro mais justo, solidário e sustentável, precisamos cultivar isso desde os primeiros anos da vida escolar. Precisamos confiar nas crianças, dar-lhes espaço para pensar, sentir e agir, e precisamos também dar o exemplo, abrir o diálogo, desafiar ideias prontas e convidá-las a imaginar outras formas de viver em sociedade.

Educar para a cidadania é, acima de tudo, acreditar que é possível fazer diferente e melhor. É não se conformar com um mundo excludente, predatório e desigual. É ensinar que cada um tem valor, tem voz e tem poder de transformar. E, nesse processo, a escola se torna um lugar onde não apenas se aprende, mas também se sonha. E quem sonha junto, constroem juntos. O futuro não está pronto, ele está sendo feito, todos os dias, pelas mãos de quem ensina e pelas mãos de quem aprende.

4 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste trabalho utilizou uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interventiva, com o objetivo de compreender como os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental percebem o bioma Cerrado e os desafios relacionados à sua preservação. A escolha por essa abordagem se justifica pelo fato de que, segundo Chizzotti (2010), a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o sujeito e o objeto pesquisado, permitindo que o pesquisador compreenda os significados atribuídos pelos participantes às situações vividas. Nesse sentido, a pesquisa não busca quantificar resultados, mas interpretar as experiências e percepções dos alunos.

A metodologia adotada também se fundamenta na Pesquisa de Natureza Interventiva (PNI), que, conforme Teixeira e Megid Neto (2018) alia a investigação à ação educativa, ou seja, envolve tanto a observação de um fenômeno quanto a realização de uma intervenção pedagógica que possibilite a produção de novos conhecimentos. A intervenção aqui realizada teve como foco a educação ambiental e a promoção da reflexão crítica sobre o bioma Cerrado e a sustentabilidade.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal da cidade de Balsas, no estado do Maranhão, que é uma das regiões brasileiras que mais sofrem com o desmatamento do Cerrado (IPAM, 2024). A instituição chama-se Escola Municipal Senador Alexandre Costa e está localizada em um bairro periférico e atende cerca de 500 alunos nos turnos matutino e vespertino. A turma escolhida para participar da atividade foi o 5º ano do turno da manhã, devido à faixa etária dos alunos, que já possuem habilidades básicas de leitura, escrita e expressão gráfica, o que favoreceu a realização das atividades propostas e a coleta de dados mais ricos.

A pesquisa aconteceu em um único encontro, no dia 21 de agosto de 2024, com duração de aproximadamente quatro horas, das 07h15 às 11h30. A atividade foi previamente autorizada pela coordenação da escola e pelos professores da turma.

A prática começou com uma breve introdução ao tema, essa etapa teve como objetivo despertar o interesse dos alunos e proporcionar uma base inicial de conhecimentos sobre a biodiversidade do bioma cerrado, sua fauna e flora, bem como os principais problemas ambientais enfrentados, como as queimadas, o desmatamento e a expansão do agronegócio.

Durante a discussão inicial, foi estimulada uma discussão coletiva com os alunos, que puderam compartilhar suas ideias, tirar dúvidas e refletir sobre os impactos ambientais que afetam tanto o Cerrado quanto suas próprias comunidades. Esse momento foi essencial para valorizar a escuta ativa e o pensamento crítico desde o início do processo.

Após essa introdução, foram realizadas diversas atividades interativas e expressivas:

Mapas conceituais foram construídos coletivamente no quadro da sala, a partir das palavras que os alunos associavam ao meio ambiente, ao Cerrado e ao agronegócio.

Os alunos fizeram desenhos iniciais, representando suas percepções sobre esses temas, permitindo captar as concepções prévias antes da intervenção educativa.

Em seguida, desenvolvemos uma atividade explicativa sobre o Cerrado, utilizando-se recursos visuais como vídeo e slides abordando sua importância ecológica, os riscos ambientais e a necessidade de preservação.

A culminância da intervenção aconteceu com a construção coletiva da “Árvore dos Sonhos”, um galho seco levado à sala de aula que simbolizou a possibilidade de

regeneração. Cada aluno escreveu em sua folha o que deseja para o futuro do Cerrado e da sustentabilidade e, individualmente, colou sua folha no galho. A árvore, antes seca, transformou-se em um símbolo visual de esperança e compromisso coletivo.

A análise dos dados coletados (desenhos e textos dos alunos) foi realizada com base na interpretação qualitativa, considerando os seguintes critérios:

Compreensão dos Conceitos: verificou-se se os alunos demonstraram entender os temas centrais da atividade, como biodiversidade, desmatamento e sustentabilidade.

Expressão Criativa: analisou-se a originalidade e a forma como os alunos expressaram suas ideias, seja por meio de metáforas, simbolismos ou representações criativas.

Reflexão Crítica: buscou-se identificar nos textos e desenhos sinais de pensamento crítico, como a capacidade de criticar ações nocivas ao meio ambiente e propor soluções sustentáveis.

Nos desenhos, observou-se ainda a presença de:

Elementos Naturais e Antropogênicos: identificação de elementos como árvores, rios, animais e também ações humanas como queimadas e destruição do habitat. **Emoções Representadas:** foi observada a presença de expressões de sentimentos como tristeza, esperança ou alegria, que revelaram a forma como os alunos se conectam emocionalmente ao tema. Como forma de estimular a participação e demonstrar envolvimento com o grupo, a estudante-pesquisadora também contribuiu com sua própria folha, registrando um sonho pessoal para o Cerrado. Essa metodologia integrada, ao unir o estudo teórico com a ação prática, promoveu uma experiência significativa de aprendizagem e despertou nos alunos um olhar mais sensível e crítico sobre o Cerrado. Além disso, reforçou a importância da educação como instrumento de transformação social, capaz de plantar sementes de responsabilidade e consciência ecológica nas novas gerações.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

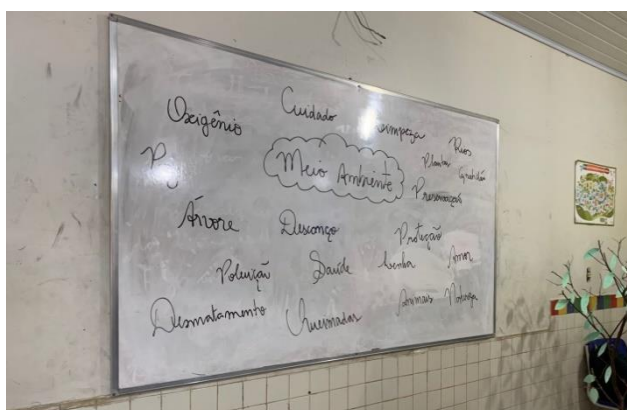
Ao todo, foram coletados 24 textos e desenhos elaborados pelos alunos participantes, os quais compõem o banco de dados da presente pesquisa, e aqui das quais trazemos neste relatório somente 4 textos e 4 desenhos elaborados pelos alunos participantes escolhidos aleatoriamente. Esses materiais foram produzidos ao

longo das atividades realizadas durante uma manhã em sala de aula, com o objetivo de compreender as percepções, conhecimentos prévios e construções simbólicas dos estudantes sobre temas relacionados ao meio ambiente, ao bioma Cerrado e ao agronegócio.

No primeiro momento da manhã, foi promovida uma roda de conversa para levantar os saberes prévios dos alunos, estimulando-os a refletir e compartilhar o que já conheciam sobre esses temas. Foram lançadas perguntas norteadoras como: “O que vocês sabem sobre o bioma Cerrado?”, “O que é meio ambiente para vocês?”, “O que há de bom e de ruim no meio ambiente?”, “O agronegócio é bom ou ruim?”, “O que existe no Cerrado?” e “O que o agronegócio tem de positivo e negativo?”. Essas provocações serviram como ponto de partida para o diálogo, permitindo não apenas o compartilhamento de ideias e opiniões, mas também a problematização de discursos presentes no cotidiano dos estudantes. O diálogo construído coletivamente foi fundamental para acessar representações e compreensões iniciais, que posteriormente se desdobraram nos desenhos e textos analisados, os quais revelam diferentes visões e relações com o território, à natureza e os impactos socioambientais do modelo de desenvolvimento adotado na região.

Como estratégia para ativar os conhecimentos prévios dos estudantes e promover o diálogo inicial, foi realizada uma atividade de rede de palavras com base na expressão “Meio Ambiente”, escrita no quadro como palavra central. A partir dela, os alunos foram convidados a dizer palavras que, em sua percepção, se relacionavam com esse tema. As contribuições foram sendo anotadas ao redor da palavra-chave, criando uma rede semântica coletiva.

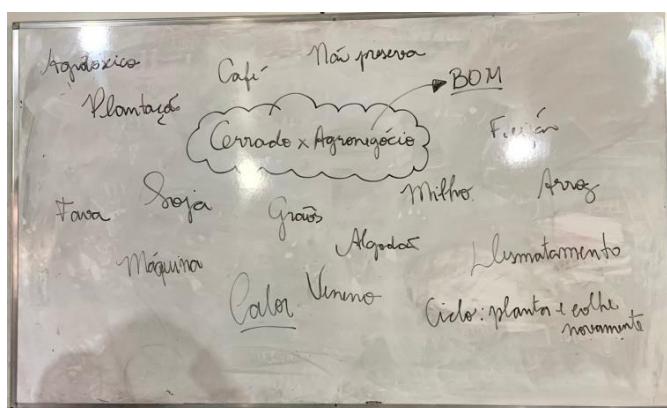
Figura 1: Rede de palavras relacionadas ao Meio Ambiente



Fonte: arquivos da pesquisadora (2024)

Essa atividade teve como objetivo acessar os conhecimentos que os alunos já tinham sobre o meio ambiente e observar como eles compreendiam esse assunto. As palavras citadas mostraram que os estudantes pensam sobre o meio ambiente revelando tanto compreensões mais voltadas à natureza, quanto aos aspectos afetivos e sociais, além de preocupações críticas. Essa etapa inicial foi fundamental para compreender as representações presentes no grupo e orientar as discussões posteriores. Em seguida, foi apresentado aos alunos que a região onde vivemos faz parte do bioma Cerrado. De forma breve, foram repassadas algumas informações introdutórias sobre as características desse bioma e sobre a presença do agronegócio em seu território. No quadro, foi escrita a expressão: “Cerrado x Agronegócio”, com o objetivo de provocar novas associações e reflexões. Assim como na etapa anterior, os estudantes foram convidados a dizer palavras que lembravam ou associavam a esse novo tema.

FIGURA 2 - Rede de palavras relacionadas ao Cerrado e Agronegócio



Fonte: arquivos da pesquisadora (2024)

As palavras foram registradas no quadro à medida que surgiam, formando uma nova rede. Entre os termos citados pelos alunos, apareceram palavras como “soja”, “milho”, “arroz”, “plantações”, “algodão”, “grãos”, “máquina”, “agrotóxico”, “desmatamento”, “calor” e “ciclo: planta e colhe novamente”. Algumas falas apontaram para aspectos considerados positivos, como a palavra “bom”, enquanto outras indicaram críticas ou percepções de impacto, como “não preserva” e “desmatamento”.

Essa nova dinâmica contribuiu para aprofundar a discussão, destacando como os estudantes compreendem a relação entre o bioma e a atuação do agronegócio. As palavras revelaram percepções construídas com base em vivências,

observações locais e informações que já faziam parte do repertório dos participantes. A atividade também serviu como base para os próximos momentos do projeto, nos quais os alunos expressaram essas ideias por meio de produções escritas e desenhos.

Nesse processo de escuta e expressão ativa, os estudantes foram desafiados a pensar criticamente sobre o território que habitam e as transformações provocadas pelas ações humanas. Nas palavras de Freire:

“Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação da captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada”. (FREIRE, 1987, p 70).

Ao problematizar as experiências e representações iniciais, a proposta pedagógica buscou justamente ativar esse movimento de reflexão crítica, articulando o conhecimento local às questões socioambientais mais amplas.

Além de estimular a participação dos alunos, a atividade também ajudou a criar um ambiente de escuta e troca de ideias. Ao registrar as palavras no quadro, os estudantes puderam ver como suas contribuições se conectavam umas às outras, formando um conjunto de sentidos sobre o tema. Essa dinâmica simples foi um momento importante para abrir espaço para o diálogo, preparar os alunos para as próximas etapas da atividade e despertar o interesse pelo conteúdo que seria trabalhado a seguir. Ao final dessa etapa, foi solicitado que os alunos fizessem desenhos representando o que entendiam sobre os temas abordados: Bioma Cerrado, Agronegócio e Meio Ambiente.

As representações sociais desempenham um papel crucial na maneira como as crianças percebem o mundo ao seu redor e suas relações com o meio ambiente. Moscovici (1978) afirma que as representações sociais são formas de conhecimento prático que influenciam o comportamento dos indivíduos e grupos sociais, as representações sociais construídas na infância podem moldar a forma como as novas gerações entendem e interagem com o bioma cerrado e o meio ambiente, influenciando suas atitudes em relação à sua preservação.

Jodelet (1989) complementa que as representações sociais podem ser transformadas através da educação, tornando-se um instrumento poderoso para promover a conscientização ambiental. Ao trabalhar o tema do Cerrado de forma lúdica e interativa, as escolas podem ajudar as crianças a desenvolverem uma relação afetiva com o bioma, o que é essencial para a formação de uma consciência ambiental crítica. Ainda que com traços simples, esses registros revelam uma diversidade de olhares sobre o espaço e oferecem pistas importantes sobre o modo como os pequenos compreendem e representam as relações entre sociedade e natureza.

Figura 3- Representações iniciais sobre o Bioma Cerrado



Fonte: arquivos da pesquisadora (2024)

No desenho A Intitulado pela própria aluna como: “Natureza Bioma Cerrado”, a paisagem aparece quase intocada pela ação humana. As árvores estão frondosas e há frutos, flores, borboletas, pássaros e o sol parcialmente encoberto pelas montanhas, tudo envolto em cores vivas e traços suaves. O ambiente representado transmite uma sensação de vitalidade e respeito pelo Cerrado enquanto natureza viva e abundante. A ausência de máquinas ou construções humanas aponta para uma visão mais preservacionista, em que a criança valoriza e celebra a natureza por

si só, sem a interferência do homem. Trata-se de uma imagem marcada pela beleza, pela inocência e por certa pureza no modo como o ambiente é percebido.

No desenho B observa-se uma cena bastante harmoniosa: há um rio, uma árvore frutífera, uma plantação, uma casa e o sol brilhando no céu. A presença de elementos naturais e humanos coexistindo de forma equilibrada sugere que a criança enxerga o ambiente como um espaço de convivência possível entre natureza e sociedade. A palavra “PLANTAÇÃO” escrita com destaque mostra o esforço da criança em nomear o que representa, demonstrando não apenas sua tentativa de grafar o termo corretamente, mas também a importância que atribui a esse elemento na paisagem. A cena sugere uma ideia de produtividade aliada ao cuidado com o espaço natural, remetendo a uma visão idealizada do campo, como lugar de fartura e equilíbrio ecológico.

No desenho C, a imagem central é ocupada por um trator, há também uma árvore, uma pessoa, um lixo e chuvas representadas por linhas azuis. A representação do trator em tamanho maior do que os demais elementos da cena pode indicar que, para a criança, a presença da máquina no ambiente é significativa e talvez até dominante. A introdução do lixo e da maquinaria na paisagem natural sugere um olhar mais atento às alterações causadas pelas ações humanas, um traço que já sinaliza certa consciência sobre os impactos ambientais do agronegócio e da mecanização da agricultura. Embora a imagem ainda seja inocente, o contraste entre os elementos naturais e industriais chama atenção.

O desenho D dá continuidade a essa linha de percepção mais complexa. Nele, o ambiente é composto por árvores espaçadas, uma pessoa, o céu com nuvens, o sol e muitos pássaros em voo, o chão aparece dividido em faixas, o que pode representar áreas de plantio ou mesmo o solo já transformado pelo uso humano. A disposição dos elementos e a forma como a paisagem é construída remetem a um espaço rural já bastante modificado, onde a natureza ainda está presente, mas já foi significativamente reorganizada. A figura humana se encontra próxima à árvore, talvez indicando certa familiaridade ou até dependência da natureza, mas, ainda assim, já dentro de um contexto modificado e organizado pelas necessidades humanas.

A leitura desses desenhos, mesmo sendo apenas um recorte inicial, revela como as crianças pequenas são capazes de expressar, de forma sensível e significativa, suas compreensões sobre o mundo ao redor, através de traços simples

e composições criativas, elas constroem representações que mesclam imaginação, observação e experiência vivida. As imagens iniciais tendem a mostrar uma natureza harmônica e quase mágica; já os desenhos posteriores vão apresentando sinais da interferência humana, da mecanização e da transformação do espaço, mesmo de maneira sutil, já se anunciam críticas ou percepções mais elaboradas sobre as mudanças no ambiente.

Esses registros visuais não devem ser subestimados, pelo contrário, é uma importante ferramenta para que os educadores compreendam como as crianças percebem o meio ambiente e, a partir disso, possam propor reflexões mais aprofundadas sobre sustentabilidade, cuidado com o Bioma Cerrado e os efeitos das práticas do agronegócio. Freire (1996) defende que a educação precisa ser libertadora, promovendo o desenvolvimento de uma consciência crítica que permita aos indivíduos questionar as relações de poder que moldam a exploração dos recursos naturais. Ao observarmos essas imagens, percebemos que mesmo nas fases iniciais da infância, há um olhar atento, curioso e, por vezes, crítico sobre o mundo, e é a partir desse olhar que a Educação para a Sustentabilidade pode encontrar terreno fértil para crescer.

Mendes (2017) afirma que as representações construídas durante a infância tendem a perdurar ao longo da vida, influenciando as atitudes e comportamentos futuros dos indivíduos. Portanto, ao promover uma educação que valorize o Cerrado e sua biodiversidade, estamos preparando as crianças para se tornarem agentes de mudança, comprometidos com a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente.

Após a realização dos desenhos, foi iniciado um momento de aprendizado e reflexão sobre o bioma Cerrado, foi exibido o vídeo intitulado Cerrado: o berço das águas, uma produção da TV Brasil, parte da série educativa “Nossos Biomas”. O vídeo teve como objetivo apresentar, de forma acessível e visualmente atrativa, informações fundamentais sobre o bioma Cerrado. Durante a exibição, os alunos puderam conhecer mais profundamente as características desse ecossistema, como sua localização no território brasileiro, a diversidade da fauna e da flora, o tipo de vegetação predominante, além da sua importância para o equilíbrio ambiental e para a preservação dos recursos hídricos. O título do vídeo faz referência ao fato de que o Cerrado é considerado o “berço das águas”, por abrigar nascentes de rios importantes que abastecem diversas regiões do país.

Um dos momentos mais marcantes da exibição foi quando o vídeo destacou que o Cerrado recebe, anualmente, cerca de 600 milhões de litros de agrotóxicos, como consequência direta da expansão do agronegócio. Essa informação gerou surpresa e despertou questionamentos entre os alunos, ampliando a percepção sobre os impactos negativos da atividade humana sobre o meio ambiente. A presença do agronegócio no bioma cerrado foi abordada de forma crítica, permitindo que os estudantes refletissem sobre as contradições entre o progresso econômico e a preservação ambiental, tema que também havia surgido nos primeiros diálogos e nos desenhos feitos por eles e complementando o vídeo, foi apresentada uma sequência de slides com imagens ilustrativas sobre o Cerrado.

Figura 4 - Apresentação do slide sobre o Bioma Cerrado



Fonte: Arquivos da Pesquisadora (2024)

No slide as imagens mostravam paisagens naturais do bioma, incluindo formações vegetais típicas como o pequi, o buriti e o ipê, além de animais característicos como o lobo-guará, o tatu-canastra e o tamanduá-bandeira. Também foram inseridas fotografias de comunidades tradicionais que habitam o Cerrado, como povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, evidenciando suas práticas sustentáveis e sua relação respeitosa com a natureza. Por fim, os slides abordaram visualmente os efeitos da ocupação humana desordenada, como o desmatamento, a monocultura, expansão do agronegócio e a contaminação dos solos, provocando reflexões sobre os desafios enfrentados por esse bioma.

Após essa etapa de diálogo e troca de saberes, foi proposta uma atividade simbólica chamada “Árvore dos Sonhos”. Essa atividade marcou o encerramento do encontro de forma sensível e reflexiva. Utilizou-se um galho seco, fixado em um vaso, representando uma árvore sem vida, uma imagem que, de forma simples, ajudou a provocar questionamentos sobre o que está acontecendo com a natureza,

especialmente com o bioma Cerrado. Muitos alunos, ao verem aquele galho, relacionaram com o que já perceberam no seu dia a dia: árvores cortadas, rios secando, animais sumindo. A intenção foi justamente essa, fazer com que eles refletissem sobre a destruição que já está presente ao nosso redor, muitas vezes de forma silenciosa.

Em seguida, cada criança recebeu uma pequena folha de papel verde, recortada no formato de uma folha de árvore, e foi convidada a escrever um desejo ou sonho para o meio ambiente, para o Cerrado ou para sua comunidade. As respostas foram sinceras, criativas. No entanto, também nos leva a pensar: por que ainda é tão raro ver espaços que realmente valorizam o que as crianças pensam sobre o mundo? Por que seus desejos por um planeta melhor nem sempre são levados a sério? Essa atividade mostrou que, quando são ouvidas, as crianças demonstram grande sensibilidade e consciência ambiental, isso é algo que precisa ser acolhido e fortalecido desde os primeiros anos escolares.

Figura 5- Árvore dos Sonhos



Fonte: Arquivo da Pesquisadora (2024)

. A proposta, embora simples em sua execução, revelou grande potência pedagógica. Essa árvore recriada pelas mãos infantis nos provoca a refletir sobre as práticas educativas que priorizamos no cotidiano escolar. Em muitos contextos, a rotina pedagógica ainda está centrada em repetições mecânicas, sem espaço para a escuta sensível ou para a valorização do olhar infantil. Quando se permite que os estudantes participem de forma ativa e significativa, a aprendizagem ganha vida, e o vínculo com o conhecimento se fortalece. O galho seco, agora cheio de folhas, torna-se metáfora da própria escola: um lugar que pode florescer quando se constrói

com afeto, com diálogo e com o reconhecimento das infâncias como parte essencial do processo educativo.

Segundo Melo:

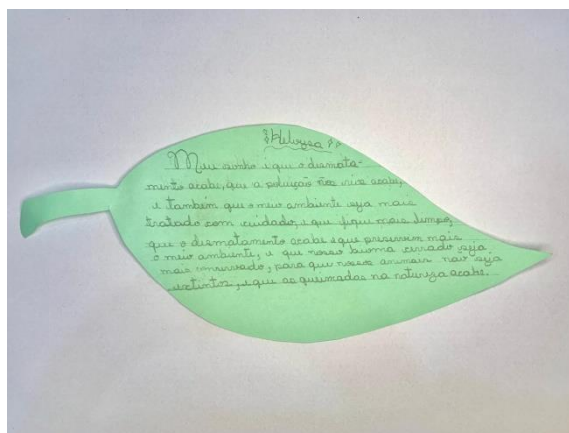
“A educação para a sustentabilidade pressupõe que os indivíduos sejam capazes de compreender e refletir sobre os impactos das suas decisões e ações no ambiente. Parte-se da premissa de que é necessário que os alunos ampliem sua visão de mundo, repensem seus próprios valores e sejam capazes de questionar práticas que fomentam a insustentabilidade e que podem não ser passíveis de simples soluções”. Melo (2012, p. 14).

Ao escreverem suas palavras com autonomia e sentido, as crianças tornaram visíveis seus posicionamentos, medos, sonhos e compromissos com o futuro, demonstrando que a Educação, quando vivida com abertura e sensibilidade, pode promover o engajamento afetivo e crítico desde os primeiros anos da formação.

Ao analisar os sonhos escritos pelos alunos, é possível perceber os primeiros sinais do florescer de uma consciência crítica em relação ao mundo que os cerca. Como sementes lançadas em solo fértil, as reflexões presentes nas folhas da “Árvore dos Sonhos” indicam que algo começou a germinar: um olhar mais atento, sensível e questionador diante da realidade.

Cada sonho registrado revela não apenas a pureza da infância, mas também a potência transformadora que habita cada criança quando tem a oportunidade de expressar seus sentimentos e pensamentos. Mesmo que ainda em forma de desejos simples, como “mais árvores”, “água limpa” ou “animais soltos e felizes”, essas falas carregam um sentido profundo de pertencimento e responsabilidade. Isso demonstra que, ao serem incentivadas a sonhar coletivamente, as crianças começam a compreender que o mundo pode e deve ser cuidado por todos, e que elas fazem parte ativa dessa mudança.

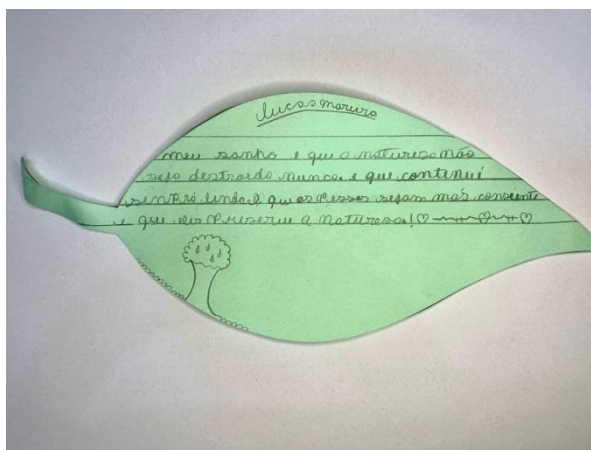
Figura 6- Desejo para o Bioma Cerrado



Fonte: arquivo da pesquisadora (2024)

O sonho de Heloysa revela uma preocupação direta com os impactos ambientais no Cerrado, especialmente o desmatamento e a poluição. Essa percepção dialoga com a proposta da ecopedagogia de Gadotti (2008) afirma que “educar para a sustentabilidade é formar pessoas capazes de pensar e agir com a natureza e não contra ela”, ele aponta exatamente para esse tipo de consciência presente na fala de Heloysa.

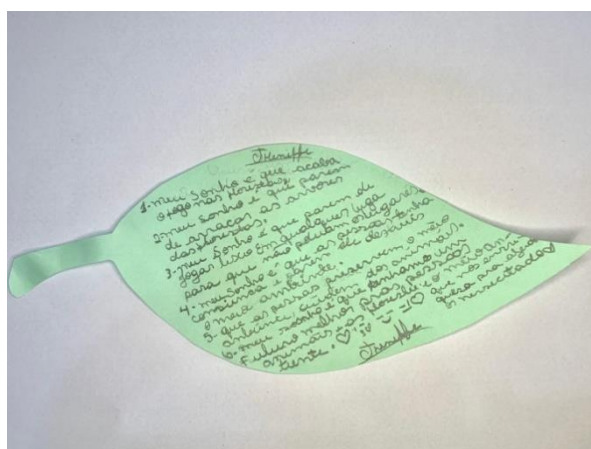
Figura 7- Desejo para o Bioma Cerrado



Fonte: arquivo da pesquisadora (2024)

O sonho de Lucas revela um desejo de ver a natureza não apenas conservada, mas também admirada por sua beleza e por seu papel essencial na vida de todos. A fala se aproxima da reflexão de Boff (2012), ao lembrar que “o destino da Terra é também o destino da humanidade”, reforçando a ideia de que cuidar do Cerrado é também cuidar do futuro coletivo. O sonho de Lucas, portanto, mostra como a sensibilidade das crianças pode traduzir princípios éticos e ambientais fundamentais, sinalizando o potencial transformador da educação ambiental desde a infância.

Figura 8- Desejo para o Bioma Cerrado

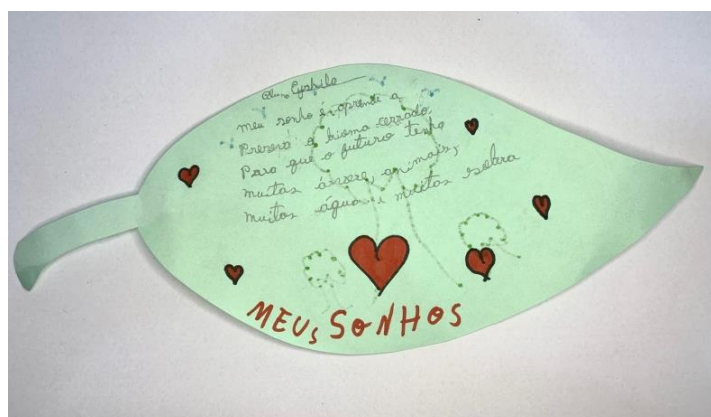


Fonte: arquivo da Pesquisadora (2024)

Jhenyfer expressa uma visão abrangente e multifacetada de preservação, que vai além da simples proteção da natureza. Em seu sonho, ela menciona a necessidade de combater as queimadas, acabar com o desmatamento e promover o cuidado com o lixo, elementos que, juntos, revelam uma consciência ambiental profunda e integrada. Seu olhar demonstra que ela compreende que os problemas ambientais não estão isolados, mas se conectam diretamente com a forma como vivemos em sociedade. Sua fala se aproxima da ideia de ecologia social proposta por Leonardo Boff, na qual o meio ambiente, a organização social e a busca por justiça caminham lado a lado. Segundo o autor, “uma ecologia integral é também social, incluindo a justiça para os menos favorecidos” (Boff, 2012), o que nos faz perceber o quanto o sonho de Jhenyfer está alinhado com uma perspectiva transformadora e crítica da realidade.

Ao imaginar um futuro onde pessoas, animais e natureza convivem em harmonia, Jhenyfer projeta um mundo mais equilibrado, solidário e justo. Sua fala revela um desejo genuíno por mudanças que respeitem a vida em todas as suas formas. Trata-se de uma consciência que, apesar de vir de uma criança, carrega uma força simbólica poderosa e aponta para o que muitos adultos ainda ignoram. Isso nos leva a pensar sobre o quanto as crianças, quando escutadas e estimuladas a refletir, são capazes de elaborar ideias sensíveis e coerentes com os desafios que enfrentamos atualmente. Ao mesmo tempo, é um alerta para a urgência de valorizarmos suas vozes nos debates ambientais e sociais, especialmente em contextos de vulnerabilidade, onde os impactos da degradação são ainda mais visíveis. O sonho de Jhenyfer não é apenas uma esperança infantil, mas um chamado à responsabilidade coletiva por um futuro verdadeiramente sustentável.

Figura 9 – Desejo para o Bioma Cerrado



Fonte: arquivo da Pesquisadora (2024)

O que a Eyshila escreveu é mais do que uma frase bonita, é um sinal de que ela já entende a importância de cuidar da natureza desde pequena. Quando fala em preservar o Cerrado para garantir árvores, animais, água e sombra no futuro, ela está pensando em algo que muitos adultos ainda ignoram que é ter consciência que as nossas atitudes hoje definem o mundo de amanhã. Segundo Leff (2001), quando as crianças aprendem desde cedo a cuidar do meio ambiente, elas se tornam agentes de mudança e ajudam a construir uma sociedade mais justa e equilibrada. Ou seja, o sonho da Eyshila não é pequeno ele é uma semente de transformação.

Esse tipo de pensamento vindo de uma criança mostra que ela já está desenvolvendo um olhar sensível e cuidadoso com o planeta. A fala da Eyshila nos faz pensar: será que estamos realmente ouvindo as crianças e dando espaço para que suas ideias floresçam? Sonhos como o dela não devem ser ignorados. Eles são sementes que precisam ser cultivadas com carinho na escola e na vida. Educar para a sustentabilidade não é só ensinar a reciclar ou economizar água, é incentivar esse tipo de consciência que nasce do coração e cresce com o conhecimento.

Durante a realização da atividade Árvore dos Sonhos, que convidou os alunos a expressarem seus desejos para o futuro do bioma Cerrado, a estudante-pesquisadora também participou simbolicamente, registrando seu próprio sonho. Ao fazer isso, não apenas buscou incentivar a participação das crianças, mas também reafirmou seu compromisso pessoal com a causa ambiental e com o ideal de uma educação transformadora.

Sua mensagem foi:

“Meu sonho para o Bioma Cerrado e a natureza é que seja tudo sombra, que tenha árvores, que tenha água, que tenha vários animais, que a minha geração de netos vivam a vida onde não precisarão se preocupar com nenhum recurso e espero de alguma forma, poder contribuir para essa futura realidade desejada”.

Essa fala, carregada de afetividade e esperança, também denuncia, ainda que sutilmente, as ausências que já sentimos hoje que é a falta de sombra, de árvores, de água e de segurança quanto à preservação dos recursos naturais. Ao expressar o desejo de que seus netos não precisem se preocupar com esses elementos, a pesquisadora revela a preocupação com um presente em que tais garantias já estão ameaçadas, especialmente no contexto do Cerrado, bioma rico, mas historicamente invisibilizado, explorado e devastado. A inclusão dessa mensagem na árvore, entre os sonhos das crianças, aponta para uma educação

ambiental que não se limita à transmissão de conteúdos, mas que se constrói no afeto, no engajamento e na responsabilização mútua. Afinal, como educar para o futuro sem também sonhá-lo junto com os que ainda estão aprendendo a escrever seus primeiros sonhos?

Além de valorizar o protagonismo das crianças, a atividade da “Árvore dos Sonhos” revelou-se um potente instrumento de envolvimento afetivo, cognitivo e simbólico com o tema da sustentabilidade. Mais do que um simples encerramento, essa prática representou um momento de partilha e construção coletiva, onde sonhar deixou de ser apenas um gesto individual e passou a significar um ato político e educativo. Sonhar juntos se tornou um exercício de imaginação pedagógica, que rompe com a lógica da repetição de conteúdos e se abre para a invenção de futuros possíveis, ao expressarem seus desejos em folhas verdes e transformarem um galho seco em símbolo de esperança.

Essa etapa do projeto também reforça o que Gadotti (2008) defende ao afirmar que a preservação do meio ambiente depende da formação de uma consciência ecológica que se constrói por meio da educação. Quando oferecemos espaço para que as crianças reflitam sobre o mundo e expressem seus sonhos, estamos, de fato, contribuindo para essa formação. Ao mesmo tempo, reconhecemos a infância como fase plena de potência, onde os sujeitos já são capazes de atuar e ensinar. Essa visão se alinha à concepção de Queiroz (2023), que compreende a escola como um espaço político e social, onde é possível desvelar uma realidade marcada por injustiças, desigualdades e silenciamentos. No contexto do Cerrado, tão atingido pela lógica predatória do agronegócio, cada gesto educativo que valorize a escuta das crianças e promova a crítica à destruição ambiental se torna um ato de resistência e de reinvenção do viver.

A força dessa experiência revelou-se nos detalhes, nos sonhos escritos com letras pequenas, nas frases cheias de cuidado, nos desenhos que expressavam mais do que palavras poderiam dizer. Ali, surgiu um sentimento de pertencimento ao território, uma percepção de que o Cerrado é parte de suas vidas e merece ser respeitado. Não se tratou apenas de transmitir informações sobre o meio ambiente, mas de cultivar um olhar mais sensível, ético e comprometido. Como afirma Mendes (2017), as representações formadas na infância têm o poder de marcar profundamente a forma como nos relacionamos com o mundo ao longo da vida.

Portanto, oferecer vivências como essa é, ao mesmo tempo, educar para o presente e semear possibilidades para o futuro.

Nesse movimento, a educação deixa de ser uma via de mão única para tornar-se um processo de troca viva, onde professores e alunos constroem saberes e sentidos juntos. As crianças não ocuparam o lugar passivo de ouvintes, tornaram-se educadoras, nos mostrando com gestos simples e palavras sinceras que cuidar do mundo é possível e necessário. Cada folha colada na árvore não foi apenas uma atividade, mas uma declaração simbólica de que outro mundo é desejado e que ele pode começar ali, na escola, com pequenas atitudes. Como reforça Queiroz (2023), mesmo em espaços escolares localizados em contextos diretamente afetados pelo agronegócio e pelo desmatamento, ainda é possível construir caminhos educativos que resistam à lógica da destruição e apostem na formação de sujeitos críticos e comprometidos com a sustentabilidade.

Ao final do processo, o que ficou não foi apenas uma árvore cheia de folhas de papel, mas a imagem viva de que, mesmo em tempos difíceis, ainda há espaço para o reencantamento da educação. A “Árvore dos Sonhos” tornou-se símbolo de um desejo coletivo, de um mundo em que natureza, pessoas e saberes caminham juntos, com respeito, equilíbrio e justiça. E talvez seja essa a grande lição que as crianças nos deixaram, que mesmo quando tudo parece seco, árido ou sem esperança, sempre haverá uma semente pronta para nascer e crescer se tiver um solo fértil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que a Educação para a Sustentabilidade, quando trabalhada de maneira crítica, sensível e contextualizada, é capaz de provocar reflexões profundas e significativas desde os primeiros anos da escolarização. Ao inserir o Bioma Cerrado como eixo estruturante das atividades pedagógicas, não apenas promovemos a valorização do território e da cultura local, mas também fomentamos a formação de uma consciência ecológica e cidadã entre os alunos. Essa abordagem mostrou que é possível desenvolver um ensino que articule conhecimento científico, afetividade e engajamento social.

Ao longo da intervenção pedagógica, ficou evidente que as crianças são plenamente capazes de compreender, sentir e questionar as questões ambientais que afetam suas vidas e seu entorno. A atividade da “Árvore dos Sonhos” e os

textos produzidos pelos alunos revelaram não só o entendimento conceitual sobre o Cerrado e a sustentabilidade, mas, principalmente, a potência transformadora de suas vozes e desejos. Como defendem autores como Freire (1996) e Gadotti (2008), educar para a sustentabilidade é também educar politicamente, possibilitando que os educandos se posicionem diante das injustiças sociais e ambientais.

A escola, nesse contexto, deve ser reconhecida como espaço privilegiado de transformação, e não apenas de reprodução de conteúdos. É urgente romper com práticas pedagógicas fragmentadas, que tratam o meio ambiente como um tema decorativo ou pontual. A educação ambiental precisa ser parte do currículo de forma integrada, dialógica e problematizadora. Os dados revelados nesta pesquisa mostram que, quando há espaço para escuta, diálogo e expressão criativa, as crianças se envolvem com os temas, desenvolvem senso de pertencimento e responsabilidade, e tornam-se agentes ativos na defesa da vida.

Entretanto, também se reconhece que esse processo enfrenta desafios estruturais, como a falta de formação continuada para os professores, o excesso de conteúdos normatizados e a ausência de políticas públicas que garantam apoio a práticas pedagógicas críticas e contextualizadas. Ainda vivemos em um cenário educacional em que as escolas, especialmente em áreas de vulnerabilidade social, lutam para cumprir o currículo básico, e a sustentabilidade muitas vezes aparece apenas como tópico secundário. Isso reforça a importância de iniciativas como esta pesquisa, que buscam construir alternativas possíveis mesmo diante das limitações.

Por fim, reafirma-se a convicção de que educar para a sustentabilidade é educar para a vida. É investir na formação de sujeitos capazes de sonhar e lutar por um mundo mais justo, equilibrado e solidário. O futuro está, de fato, em nossas mãos e nas mãos de quem ensina de quem aprende e, sobretudo, de quem acredita que é possível transformar a realidade por meio da educação. O Cerrado, tantas vezes invisibilizado, pode e deve ser um campo fértil para o florescimento dessa nova forma de educar, que reconhece na criança um sujeito pleno, capaz de pensar criticamente e de construir outros modos de ser, conviver e cuidar do planeta.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Evaldo. **Sustentabilidade e educação**. Teocomunicação, v. 49, n. 2, p. e34376-e34376, 2019.

ARAÚJO-QUEIROZ, M. B. **Educação CTS na formação inicial de professores de Ciências e Biologia: contributos e articulações para futuras práticas pedagógicas**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus – Bahia, 140f, 2019.

BOFF, L. **Saber Cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRANDÃO, C. R. **Minha casa, o mundo**. Aparecida (SP): Idéias e Letras, 2008.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação.

BRASIL. **Lei no . 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União [da] República Federativa do Brasil, Poder legislativo: Brasília, DF, 23.12.1996, Ano CXXXIV, n. 248, seção 1, p. 27766- 27841, 1996. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. DF,:MEC,2018. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 1997.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1988

DIAS, Reinaldo. **Gestão Ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. **São Paulo: Paz e Terra, 1996.**

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra. São Paulo: Peirópolis, 2000.**

GADOTTI, Moacir. **Cidadania planetária: pontos para reflexão**. Instituto Paulo Freire: São Paulo, 1998.

GADOTTI, **Moacir. Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito**. São Paulo: Cortez, 2008.

GADOTTI, Moacyr. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: São Paulo, 2008.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil–UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica, Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 2, 2009.

GUIMARAES, R; FONTOURA, Y. **Desenvolvimento sustentável na Rio+20: discursos, avanços, retrocessos e novas perspectivas**. Cad. EBAPE. BR [online]. 2012, vol.10, n.3, pp.508-532. ISSN 1679-3951.

IBGE, Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Território**. 2024. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio>.

LIBÂNEO, J.C. **Formação de professores e didática para o desenvolvimento humano**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 2, abr./jun. 2015, p. 629-650.

MELO, E. C. **Educação para sustentabilidade e a experiência docente em cursos de administração**. 178 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Administração)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

MELO, T. de. **Plano Nacional pela Primeira Infância. Rede Nacional da Primeira Infância**, Brasília, DF, 2020. Disponível em <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2020/10/PNPI.pdf>.

Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

MONTENEGRO, L. A. **Educação para a sustentabilidade em escolas públicas localizadas em áreas de vulnerabilidade socioambiental**. 2018, 118 f. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente /PRODEMA, 2018.

MORAES, R. GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**, 2ª ed, Editora Injuí, 2011.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. **São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.**

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez; UNESCO, 2001.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** 2015. Disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Década da educação das nações unidas para um desenvolvimento sustentável**, 2005-2014: documento final do esquema internacional de implementação. Brasília: UNESCO, 120p, 2005.

TOLFO, Andreia Cadore. **Direitos Humanos e a construção da cidadania.**

Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI, Erechim, v. 9, n. 17, p. 33-43, 2013.

UNESCO. **Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: objetivos de aprendizagem.** Brasília, DF: UNESCO, 2017.